
**O OLHAR DO OUTRO E OS OUTROS QUE FALAM. O TESTEMUNHO
ORAL ENTRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA E A REPRESENTAÇÃO ACERCA
DA PRESENÇA PROTESTANTE EM ALAGOA NOVA-PB (1980-2006)**

Autor: Luiz Carlos dos Santos
Mestrando do PPHG UFCG
Email: luizcarlo09@hotmail.com
Co-autor: Iordan Queiroz Gomes
Mestrando do PPHG UFCG
Email: iordangomes@yahoo.com.br

A História Oralⁱ é vista como oportunidade de compreender um grupo, a partir de experiências e versões particulares por meio da realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam determinados acontecimentos.

O interesse desse artigo é fazer um estudo sobre o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova-PBⁱⁱ, entre os anos de 1980 – 2006, onde procuramos analisar a chegada dessa doutrina religiosa na cidade. Fazendo uso da metodologia em História oral foram realizadas pesquisas através de entrevistas e questionários que foram realizados com católicos e protestantesⁱⁱⁱ desta cidade para compreender como se deu esse crescimento durante o período proposto pela pesquisa. Foram padres, pastores e seguidores das duas religiões. Saímos à caça de relatos de memórias que exprimissem leituras possíveis acerca das mudanças que a cidade vem passando no campo religioso. São diferentes pontos de vista em questão que traduzem clima de tensões^{iv} entre os fiéis alagoa-novenses, como podemos perceber em alguns depoimentos quando questionados sobre o crescimento do protestantismo nesta cidade.

O que tem contribuído para o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova?

“A busca por soluções dos problemas, sejam eles de qualquer natureza, desejam resolver as situações em tempo mínimo buscar algo extraordinário” (Lucicleide H. da Silva, católica apostólica romana).

“A busca do ter e do possuir fácil” (Edinete Imperiano dos Santos, católica apostólica romana).

“Ação direta do Espírito Santo” (José Pereira Ramos, Assembléia de Deus).

“A divulgação ou difusão do acesso a Bíblia é a palavra que salva, liberta, cura e que nos leva a Deus”. (José Edinaldo da Silva, Igreja Batista) ^v.

Neste exercício atentamos para Certeau (1994), quando este chama a atenção para os usos da memória e a ocasião da fala, onde esta, a memória,

“continua escondida (não tem lugar que se possa precisar), até o instante em que se revela no ‘momento oportuno’ de maneira ainda temporal embora contrária ao ato de se refugiar na duração, o resplendor dessa memória brilha na ocasião” (CERTEAU, 1994, p.158).

A memória aparece mediante uma operação presentificada diante da ocasião, torna-se viável mediante a adequada articulação pela metodologia da história Oral, agenciada por uma recorrência ao procedimento de coleta dos relatos através das entrevistas. As referências sobre o método da história oral buscamos nos apontamentos feitos por Alberti (2005) no “Manual de História Oral”, onde a autora lança diretrizes e orientações para a produção de fontes mediante a aplicação dessa metodologia.

“A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.” (ALBERTI, 2005, P. 17-18).

Na perspectiva do Ricoeur, o historiador não deve tratar os vestígios da memória como resíduos arcaicos ou simplesmente como uma ficção que devemos desconfiar o tempo todo. Não, na sua perspectiva o historiador deve reconhecer que existe uma dependência da história para com a memória. Com isto não podemos deixar que se construa um discurso de que somente o documento pelo documento tenha valor. Não, na realidade a memória e o testemunho são confiáveis no sentido de servir como fontes para um determinado tema a ser abordado, embora não devamos deixar de ficar atentos para o fato de que alguns testemunhos podem ser vistos como alvos de dúvidas. O que não devemos deixar de nos lembrar é de que os testemunhos são fontes possíveis de serem problematizadas.

Nas entrevistas, é possível confirmar o crescimento do número de igrejas protestantes na cidade de Alagoa Nova. Sendo assim, são memórias que compuseram representações acerca das transformações no âmbito do religioso. Reconhecemos assim à memória mediada pelo método da história oral, a tomamos enquanto registro disperso e fragmentário que nos falam de um passado recente. São relatos que podem ser transformados em fontes possíveis de serem problematizadas a luz de nossas enquetes.

Analisamos os discursos dos evangélicos, os quais demonstram a sua concepção a respeito deste crescimento. É um discurso de combate ao catolicismo com o intuito de se colocar como a verdade a ser seguida. Os evangélicos contam suas experiências de vida religiosa, muitas delas com início no catolicismo e depois no protestantismo, mostrando o porquê de terem mudado de religião.

A perspectiva do trabalho, como se pode perceber, é de que o mesmo está inserido na perspectiva da história cultural, o que requer uma aproximação com seus teóricos, se apropriando de alguns conceitos, como o da representação^{vi}, e imaginário^{vii}. Onde podemos dar destaque a dois autores que são eles: Jaques Le Goff e Roger Chartier.

A pretensão de verificar essas mudanças no campo religioso remete ao imaginário dos fieis, construído a partir do que eles pensam as suas crenças, os seus mitos. Enfim um mundo imaginado pelos católicos e protestantes, onde cada um constrói o seu discurso. Em todo o momento o embate que existe entre católicos e protestantes, com suas diferenças ou semelhanças, seus regimes de verdade, alimenta e/ou sedimenta o imaginário religioso alagoa-novense.

Segundo Jaques Le Goff, o imaginário é como uma forma de realidade, como um regime de representações. É uma verdade construída a partir do que se imagina um fiel protestante, por exemplo, que tem uma verdade própria, uma verdade dele, da mesma forma que um fiel católico imagina o seu mundo, portanto, tudo o que o homem considera como realidade é o próprio imaginário. Para Le Goff o imaginário abrange todo o campo da experiência humana.

Segundo Lucian Boia o mundo real não se separa do imaginário. “Nenhuma sociedade vive fora do imaginário e que é uma falsa questão separar os dois mundos, o do real e o do imaginário”. (Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar – História e história cultural. Pag. 47).

Com a história cultural o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, pois o real é sempre o referente da construção do imaginário, mas não é o seu reflexo ou cópia. As pessoas conduzem a sua existência a partir desse imaginário, os protestantes se conduzem a partir do que eles imaginam a respeito do cristianismo, do que eles imaginam a respeito dos católicos, colocando-os (católicos) como sendo pessoas que distorcem o que eles chamam de uma real verdade a respeito do cristianismo. A partir dessa diferença que vem sendo construída, eles se colocam para as pessoas como sendo os detentores de uma verdade a qual eles imaginam ser e que ao mesmo tempo ela passa a ser absorvida por aqueles que imaginam a partir de todo um discurso que realmente eles estariam no caminho verdadeiro.

Outro conceito que também é considerado como sendo uma categoria central da história cultural é de representação. As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência^{viii}. Os indivíduos ou grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. A representação na realidade não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele, ou seja, o real existe e a partir das representações as pessoas constroem o seu mundo.

A representação envolve processo de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão, elas portadoras do simbólico, tem a capacidade de substituir a realidade que representa, construindo um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade, apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social.

“Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar e ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais” (PESAVENTO, 2003, p. 41-43).

Se observarmos bem às religiões, aqueles que fazem parte de uma instituição religiosa têm um grande poder de fazer crer sobre o mundo, eles se utilizam de um

discurso que de certa forma controla a vida de muitas pessoas, eles tem uma relação de força para com seus fieis. Aqueles que estão no comando sabem, ou representam para os fieis uma figura de um saber que para muitos não é “possível” ter. Mas é um saber que quando é dito, exposto, faz com que as pessoas se sintam bem, é um saber usado para manter ou atrair mais fieis.

Sabemos que hoje em dia já não há temas tabus para o historiador, que ajudado por outras disciplinas como a antropologia, por exemplo, arrisca-se a investigação de aspectos muitas vezes obscuros do passado. Passou-se a estudar as atitudes em relação ao gosto culinário, ao amor, à religiosidade popular. Essa nova perspectiva do estudo da história foi inaugurada com a história das mentalidades^{ix}.

Mediante essas reflexões fizemos um trabalho com o intuito de refletir sobre essa entrada em cena do protestantismo onde as representações e os imaginários fazem parte das relações que envolvem os discursos elaborados pelos religiosos desta cidade de Alagoa Nova. Nesta perspectiva, o trabalho enceta um dialogo com as metodologias acerca da história oral, que se caracteriza por desenvolver projetos de pesquisa fundamentados na produção de entrevistas e depoimentos como fonte privilegiada.

Nas entrevistas e depoimentos, além de confirmar o crescimento do número de adeptos e de protestantes, os entrevistados contam suas experiências religiosas, explicitando como os mesmos compreendem esse crescimento.

As sociedades nas quais vivemos, são dirigidas por ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser silenciado, o velado e o aparente. A linguagem, as narrativas, os textos e os discursos que são elaborados a respeito do que se deve seguir, não apenas descrevem ou falam simplesmente sobre as coisas. Ao fazer isso, eles instituem as coisas, inventando suas identidades e suas identificações.

Portanto como já foi dito, o interesse desse artigo é fazer um estudo sobre o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova – PB entre os anos de 1980 – 2006. Por mais que já existissem, até a década de 1980, duas igrejas protestantes, Assembléia de Deus e a Congregacional, elas não incomodavam tanto ao catolicismo pelo fato de atuarem de forma discreta. Trata-se de estudar a entrada em cena dessa nova doutrina num ambiente que permaneceu por muito tempo sendo *dominado* pelo catolicismo, sem ter outras doutrinas religiosas com quem disputar os fiéis. Hoje em dia continuando a

dominar, só que, tendo de ver mesmo que com um olhar de indiferença o protestantismo disputar os fiéis.

Nos dias atuais, o catolicismo na cidade de Alagoa Nova tem se deparado com uma presença significativa de igrejas protestantes, disputando e ganhando os seus fiéis. Os protestantes procurando conquistar os fiéis se utilizando de um discurso confortante e de uma mudança de vida imediata para as pessoas que apresentam problemas em suas vidas. Podemos assim perceber no depoimento abaixo:

“As igrejas evangélicas vem conquistando porque esta mostrando que há solução para amenizar o sofrimento do mundo atual” (Jossandro Araújo Monteiro, Igreja Congregacional, entrevista realizada no mês de setembro de 2005).

Mediante essas discussões acerca desse crescimento, procuramos analisar os discursos dos protestantes para justificar o crescimento e os discursos dos católicos para o criticarem. São discursos de pessoas que já convivem com o catolicismo ou com o protestantismo desde crianças e de pessoas que passaram a freqüentar igrejas protestantes durante o período estabelecido para a pesquisa (1980 – 2006).

A discussão gira em torno da entrada em cena na perspectiva do olhar do outro (a Igreja católica) a respeito daquele que para ela não se enquadra nos padrões de normalidade e perfeição cristãs. Portanto, esse outro (o protestantismo) passa a ser perseguido e questionado, sendo colocado como a imperfeição e a não verdade no campo religioso.

Fizemos uma análise do crescimento das igrejas evangélicas a partir dos discursos elaborados pelos católicos, assim como o discurso elaborado pelos protestantes a respeito do protestantismo; o que as pessoas acham, dando a sua opinião e versão a respeito dessa mudança no cenário religioso local, demonstrando preocupação e indignação em relação às atitudes de algumas igrejas evangélicas.

Como partes dos critérios utilizados para comprovar o crescimento do número de fiéis protestantes em Alagoa Nova foram elaborados questionários com o objetivo de verificar o que os fiéis católicos e protestantes acham a respeito.

Os motivos para esse crescimento podem ser muitos. Muitas vezes católicos e protestantes têm uma visão muito parecida, lêem a Bíblia procurando seguir seus ensinamentos, procuram atuar na sociedade como forma de atrair as pessoas para grupos de trabalho, como é o caso das pastorais e ministérios. Porém, acabam se diferenciando

em outros aspectos, como é o caso da crença que os católicos têm no poder dos santos e da virgem Maria e que os protestantes rejeitam, dizendo que o homem tem que fazer seus pedidos diretamente a Deus.

Existe ainda uma grande diferença nos discursos elaborados por essas pessoas. Os protestantes elaboram um discurso que os coloca como o regime de verdade e que os demais estão errados (católicos). Fora de seus costumes ninguém está salvo, estão errados, ou seja, todos são vistos como criaturas de Deus, não filhos de Deus, pois somente é filho de Deus quem segue a sua religião. Do outro lado, os católicos também arquitetam o seu discurso se colocando para a sociedade como a religião única e verdadeira.

Ao se falar em religião em Alagoa Nova, é difícil não se lembrar de Monsenhor José Borges de Carvalho, um homem que nasceu nesta cidade e que marcou a população de Alagoa Nova pelos seus 43 anos em que ficou à frente da paróquia local. Durante seu paróquiato aconteceram muitas mudanças para a cidade: a construção da matriz atual, do ambulatório (maternidade), de escolas na cidade de Alagoa Nova e em Lagoa de Roça. Ele atuou na cidade de 1937 a 1980, ano em que faleceu.

Tido como autoridade, era visto pela população local como rígido e gostava de falar o que para ele era a verdade, sendo temido por muitos. A partir das mudanças ocorridas na igreja católica através da realização do Concílio do Vaticano II, em que houve uma renovação da igreja, em Alagoa Nova o Concílio teve seus frutos. Ele acompanhava todas as reuniões do clero, dava liberdade para leigos, os catequistas começaram a se reunir em si, jovens começaram a se organizar participando e animando as celebrações, festas de padroeira e as campanhas da fraternidade.^x

Uma das hipóteses que levantamos para esse crescimento foi a morte de Monsenhor Borges que pode não ter sido o pivô do crescimento do protestantismo em Alagoa Nova, mas juntamente com o Concílio do Vaticano II, abriu grandes possibilidades para o crescimento do mesmo. Na pesquisa feita cerca de 80% dos entrevistados não atribuem a sua morte como consequência desse crescimento, a culpa é da própria igreja que se encontra com falhas no acolhimento e acompanhamento dos seus fiéis, deixando muitas pessoas ‘soltas’ e fragilizadas para caírem em qualquer conversa boa e se entregarem a qualquer outra religião. O que constatamos é que a hipótese do crescimento do protestantismo em decorrência da morte de Mons. Borges

não é o suficiente, se fosse assim esse crescimento só existiria em lugares onde padres ortodoxos existissem.

Cerca de 20% das pessoas acreditam que sua morte tenha influenciado esse crescimento. Com a sua morte, a igreja católica perdeu a figura de um homem que cobrava a presença dos fiéis na igreja, centralizando na sua pessoa a representação de autoridades do catolicismo. Um homem que para a maioria dos habitantes de Alagoa Nova era íntegro, respeitado, que sabia conduzir seu rebanho (os fiéis católicos) como se fosse um pai buscando educar seus filhos, em muitas ocasiões dando sermões não só na igreja, mas nas casas e nas ruas repreendendo as pessoas se estivessem “erradas”. Mas apesar dele ser uma pessoa bastante rígida buscou acompanhar as mudanças implantadas por João XXIII no Concílio. Não procurava entrar em atrito com os protestantes que, na época, eram poucos. Segundo Ladislau Nogueira de Lima, católico desde criança, filho de pais católicos e diácono da igreja católica,

“Monsenhor Borges não mantinha nenhuma pressão sobre os protestantes, nem ao menos se colocou em atrito com os mesmos; pelo contrário, era muito amigo de Augusto Moura (um protestante antigo, também já falecido). Portanto, eu não acho que a morte dele tenha contribuído para esse aumento, isso é consequência do tempo”.

O primeiro momento de crescimento mais acentuado pode ter sido resultado do que o Concílio do Vaticano II deixou como podemos observar em algumas dessas mudanças: promover a unidade de todos os cristãos, o ecumenismo, fazer orações e celebrações de tal maneira que todos possam entender e participar; o cristão deve ler a Bíblia com fé e legá-la a vida; procurar ser uma igreja pobre à serviço dos pobres, entre outras.

Mas o que será que a Igreja Católica está deixando de fazer que esteja causando a perda de seus fiéis e contribuindo para o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova? Mediante o que pudemos identificar a partir dos questionamentos aplicados e das entrevistas realizadas são vários os motivos. Falta uma credibilidade na conduta e na formação de padre e leigos que venha junto com um acompanhamento mais próximo da Igreja Católica. Falta também uma maior espiritualidade que acaba ficando presa a regras e normas, só que nas igrejas protestantes também existem isso, mas eles não consideram assim, eles atacam o catolicismo voltando ao passado,

reavivando na lembrança do povo os erros do passado, se aproveitando da falta de conhecimento e formação bíblica por parte do catolicismo, procurando transmitir para a sociedade que os seus problemas serão resolvidos em pouco tempo, realizando cultos cheios de atrativos, orações, buscando prometer vida melhor, empregos, recuperação dos vícios, a busca pelo econômico e depois a salvação, mas o que está faltando é uma fé verdadeira com base e conhecimento da doutrina católica.

“Falta um conhecimento da doutrina católica. Muitos não têm o conhecimento desta doutrina, não sabem, não tem uma estrutura na fé católica, são católicos que muitas vezes freqüentam a missa e não sabem o seu significado. Como eu, ia para a missa e não sabia nada do que o padre falava. Ia só por ir. Hoje eu conheço. Os católicos que não tem base na sua doutrina não defendem a sua fé. (entrevista realizada com Elane Imperiano, novembro de 2005)”.

Católicos e evangélicos não percebem na morte do Monsenhor uma abertura para o crescimento do número de evangélicos, pois falam de uma grande amizade que ele tinha com outro grande expoente do protestantismo, Augusto Moura. O aumento é resultado de novas elaborações religiosas, como as mudanças na Igreja Católica como já foram dito, em relação ao Vaticano II, assim como os problemas pelos quais a sociedade passa, levando a mesma a procurar aquilo que lhe dá conforto, paz, tranqüilidade, facilidade de conseguir dinheiro para realizar seus sonhos de bens de consumo.

Para a senhora Hosana Araújo Monteiro, evangélica desde criança,

O crescimento do meio evangélico em Alagoa Nova é uma extensão do que vem acontecendo em todo o mundo. Em termos locais, Mons. Borges exercia com firmeza suas atividades eclesíásticas e mostrava-se extremamente envolvido pelos desígnios papais. Porém, a citada pressão sobre os evangélicos parece-me o reflexo da força inquisidora romana, que com o crescimento da informação e a expansão da laicização do saber, contrariando a instrução católica, abriu-se para a interpretação das escrituras, favorecendo a atuação do livre arbítrio. Ser católico deixou de ser um fator hereditário e, por outro lado, tornar-se evangélico sobressai-se como fruto da opção. Todo ser humano deve ter o direito à escolha, esta é a principal dádiva concedida por Deus (entrevista realizada em 09-11-04).

Para isso como podemos perceber foi de suma importância valorizar as experiências desses entrevistados no sentido de valorizar ainda mais a História Oral como uma fonte de suma importância para tratar de um tema recente. Mexemos com as memórias dessas pessoas levando em consideração aquilo que conseguimos perceber na

perspectiva do Ricouer que seria tomar a memória como fonte privilegiada para a escrita da história não só concebendo os documentos oficiais como fonte privilegiada.

NOTAS

ⁱ “Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa. A multiplicidade de seminários e a incorporação pelos programas de pós-graduação em história de cursos voltados para a discussão da história oral são indicativos importantes da vitalidade e dinamismo da área. Por outro lado, o estabelecimento e o aprofundamento de contatos com pesquisadores estrangeiros e com programas de reconhecido mérito internacional, propiciados pelos encontros e seminários, criaram canais importantes para o debate e a troca de experiências. (AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. Usos & abusos da história Oral – Rio de Janeiro: editora da Fundação Getulio Vargas, 1998).

ⁱⁱ Alagoa Nova, município do Estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião do Brejo Paraibano.

ⁱⁱⁱ Fazemos uso desta denominação ao contrário de evangélicos, no sentido de diferenciar dos católicos já que os mesmo também se consideram evangélicos por assim afirmarem seguir o evangelho, segundo a Bíblia Sagrada.

^{iv} Temos que levar em conta que nesta cidade não foi possível encontrar as tensões no sentido de se enfrentarem e brigarem publicamente a exemplo de outras localidades, mas as tensões aqui se remetem mais a discursos proferidos em seus templos ou em praça pública procurando passar através dos mesmos uma verdade a ser seguida.

^v Entrevistas realizadas durante o período de setembro a novembro de 2005 na cidade de Alagoa Nova.

^{vi} “Categoria central da História Cultural, a representação foi, a rigor, incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Emile Durkheim, no início do século XX.” (PESAVENTO, 2003, P. 39).

^{vii} “Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.” (PESAVENTO, 2003, P. 43.).

^{viii} PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural/ Sandra Jatahy Pesavento. Belo Horizonte: Autentica 2003.

^{ix} “Foi realmente no fim da década de 1960 que a historiografia francesa passou a trilhar os rumos das mentalidades, campo privilegiado da chamada Nova História “ (CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo, 1997. Pag.136).

^x A discussão que gira em torno da figura do padre para entender o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova é parte de um dos capítulos da monografia de final do curso de especialização de Luiz Carlos dos Santos. “... Até os confins da terra”: Um estudo sobre o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova – PB, campina grande, 2006.